

Regional

HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS

Capim e mosquito deram nome a cidades

Pesquisadores revelam o que há por trás dos nomes dos municípios capixabas, que têm em sua origem plantas em extinção e até café ralo

Os nomes das cidades capixabas carregam histórias de desbravadores, médicos, políticos e santos, e também estão repletos de significados marcantes e muitas vezes inusitados.

Há municípios que são definidos como capim, mosquito, carrapato. Em outro, o nome surgiu por causa do rio que corta a região e onde foram registrados muitos afogamentos. Há ainda uma cidade que re-

cebeu o título de lugar com o café mais ralo. Em algumas cidades não se sabe se a versão contada nas ruas é verdade ou lenda.

Historiadores ouvidos pela reportagem de **A Tribuna** relataram o que cada um dos 78 municípios capixabas carrega no nome.

Uma das explicações para Água Doce do Norte, por exemplo, é de que os moradores da cidade, logo que a região passou a ser ocupada, tinham o hábito de fazer um café muito ralo.

Já o município de Alegre carrega duas versões, uma delas de que era o nome da cadela de um dos fundadores, João Teixeira da Conceição. Muito querida, quando ela morreu, os moradores decidiram homenageá-la.

E imagine um tipo de capim vi-

rar o símbolo de um município. Foi isso que aconteceu com Jaguaré, que recebeu esse nome em razão do capim jaguaré, atualmente quase em extinção.

“É uma espécie que quase não encontramos mais na cidade, está praticamente extinto e gerou o nome de nosso município”, disse a coordenadora da Casa de Cultura de Jaguaré, Ana Moreto.

E um mosquito chamado de “mucuí” está nas origens de Muqui, segundo pesquisadores. “Mas também há uma história de que era comum aquela espécie de carrapato na beira do rio”, defende o pesquisador Genildo Haltequestt.

Quem também teria surgido a partir de um inseto foi Apiacá, que veio de apiacal, uma espécie de marimbondo comum na região.

Lojista era o mais famoso

Se alguém falar em Pedro Canário sobre Morro Dantas, poucas pessoas saberão responder o que isto significa. Mas, se perguntassem na época em que o município do extremo Norte ainda se chamava Morro Dantas quem era Pedro Canário, todos saberiam responder.

O comerciante e dono de pensão Pedro Canário Ribeiro era o homem mais conhecido na cidade. De tão notável, quando os moradores tiveram que escolher um nome para batizar o município, não precisou nem de segundo turno a eleição. Pedro Canário foi

unanimidade.

Com seu comércio à beira da BR-101 e sendo a primeira cidade de ligação entre o Sudeste e o Nordeste do país, Pedro Canário se tornava referência entre uma boleia e outra dos caminhões que cruzavam o Estado.

“Os cobradores dos ônibus colocavam o nome dele na passagem porque as pessoas se lembravam mais dele, por causa do comércio e da pensão, do que do próprio nome da cidade. Meu avô era uma pessoa muito querida”, afirma um dos seis netos de Pedro Canário, Claudio Machado, 40 anos.



FÁBIO SEGANTINI

OS NETOS do comerciante Pedro Canário contam com orgulho que as pessoas se lembravam mais do avô do que do nome antigo da cidade, Morro Dantas

Guarapari: árvore ou ave?

A história oficial do nome do balneário mais famoso do Estado conta que Guarapari seria a junção de guará, referência a ave que existia em abundância na região, com pari, nome de uma armadilha usada pelos índios para apanhar peixes durante a vazão das marés.

Porém, dois estudantes de Turismo da cidade, ao fazerem uma pesquisa histórica para o trabalho de conclusão de curso, acabaram levantando uma possível versão mais simples para o nome. Guarapari seria o nome de uma

árvore nativa da mata atlântica que era abundante na região.

“Encontramos uma carta escrita por um padre residente da vila datada de 1558. Ele comenta a migração de índios para a região de Guarapari. O local já era conhecido por esse nome entre os nativos”, comenta Emir Prates Conceição, um dos autores do trabalho.

A árvore Guarapari também é conhecida por Copiúva. De madeira de boa qualidade, a árvore praticamente foi extinta por causa da extração ao longo dos anos.

Morte de cadela chamada Alegre comove município

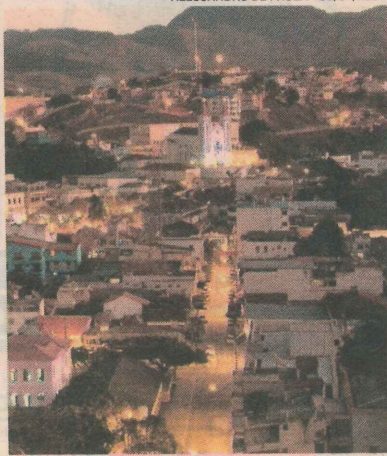
Em algumas cidades, as lendas que tomam forma ao longo dos anos acabam se tornando algo concreto. É o caso de uma história de Alegre, no Sul do Estado, em que a cadela de um dos fundadores, João Teixeira da Conceição, teria dado nome à região.

Mas a vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Alegre (Ihga), Luci Helena Albertasse Bravo, contesta o relato e garante que não há fundamento histórico nessa versão.

Pelos levantamentos dela, o nome foi dado por João do Monte da Fonseca, comandante de um regimento militar que abriu estradas e instalou quartéis entre Minas Gerais e o Espírito Santo.

O grupo estava com fome e muitos haviam adoecido. Quando chegou a essas terras, soldados foram ao seu encontro levando comida e água, trazendo alegria. Por isso, ele batizou o rio de Alegre, que depois se tornaria o nome da cidade. Mesmo com essa versão, há ainda quem preferia acreditar na cadela.

ALESSANDRO DE PAULA - 08/07/2008



ALEGRE: cadela virou lenda



PROFESSORAS levam alunos para conhecer o capim jaguaré, em extinção

Capim é matéria em escola

A planta que deu origem ao nome do município de Jaguaré, capim jaguaré, hoje em dia está praticamente em extinção, e como tentativa de preservar a história deste que se tornou o símbolo do município do Norte, alunos da rede pública e particular aprendem, na prática, como tudo começou.

Da época dos tropeiros que ali paravam à beira da lagoa para se banhar e matar a sede dos animais, ainda na década de 40, para desbravar terras então desconhecidas, até a emancipação política que criou a lei estabelecendo o no-

me do município escolhido pela população, em 13 de dezembro de 1981, os alunos conhecem de perto a vegetação e interação com a história que será fielmente passada de geração para geração. O capim é preservado na Casa de Cultura do município.

“É uma espécie que quase não encontramos mais na cidade, está praticamente extinto. Então, ensinamos para os alunos sobre a história que gerou o nome de Jaguaré, para que não se perca com o tempo”, disse a coordenadora da Casa de Cultura, Ana Moreto.

Café ralo marcou Água Doce do Norte

Na escolha de um nome de uma cidade há situações que chegam a ser folclóricas. Água Doce do Norte é um exemplo. Os moradores antigos contam que havia no município o hábito de se fazer um café bem ralo, o que teria gerado água doce.

É o que conta o professor Geraldino Custódio Jorge. Ele afirma que essa situação aconteceu a partir da década de 40 do século passado, quando a região começou a ser colonizada.

Ele observa que há ainda outra história: “Um grupo de tropeiros deixou cair uma carga de açúcar no córrego Bom Jesus. Então os moradores passaram a dizer que a água estava doce”.

Muqui é mosquito ou carrapato

A história de que um mosquito conhecido como “mucuí”, ou um pequeno carrapato chamado de “miquim”, teriam dado nome à Muqui gera brincadeiras e discussões entre historiadores.

Mas alguns ainda defendem que a topografia gerou o nome, dado pelos índios. Na visão do professor de história Geraldo Pimenta Braga, 43, na língua nativa, “muqui” seria algo como nádegas ou seios, que lembram a forma de um vale entre morros.

Já o pesquisador Genildo Haltequestt defende a teoria do nome do inseto. “Os registros que temos são de que era comum aquela espécie de carrapato na beira do rio”, explicou.

HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS

AJ07560.2

2010 FEVEREIRO 2010

O SIGNIFICADO DOS NOMES DAS CIDADES CAPIXABAS

- > **AFONSO CLÁUDIO** - recebeu esse nome em homenagem ao republicano Afonso Cláudio, primeiro governador do Estado.
- > **ÁGUIA BRANCA** - uma águia branca que se destaca no brasão da Polônia marcou o nome. O povoado foi colonizado por imigrantes poloneses.
- > **ALEGRE** - diz a lenda que a cadela Alegre, de um dos fundadores da cidade, teria dado o nome. Mas historiadores defendem que foi o comandante João da Fonseca que batizou a cidade.
- > **ALFREDO CHAVES** - homenagem ao engenheiro Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, que expulsou ferozes índios das fazendas Togneri e Gururu, no final dos anos 1800.
- > **ALTO RIO NOVO** - um rio da região foi batizado de Rio Novo, e por causa de sua localização, o povoado ganhou o nome de Alto Rio Novo.
- > **ANCHIETA** - a antiga aldeia de Curitiba foi a última morada do padre jesuíta José de Anchieta. Em 1887, a cidade e foi batizada para homenagear o seu ilustre morador.
- > **APIACÁ** - surgiu de uma espécie de marimbondo comum na região, o apiacal, de notável agressividade.
- > **ARACRUZ** - foi chamada Sauassú (macaco grande, em tupi) e depois passou a ser Aracruz, que significa altar da cruz.
- > **ATÍLIO VIVACQUA** - foi uma homenagem ao influente senador capixaba. Atílio Vivacqua. Porém, muitos se re-

ferem à cidade até hoje como Marapé, como era o nome do antigo distrito de Cachoeiro.

- > **BAIXO GUANDU** - o povoado foi colonizado às margens do rio Guandu. Como a foz do rio está numa área baixa, a nova comunidade passou a ter o nome de Baixo Guandu.
- > **BARRA DE SÃO FRANCISCO** - o rio São Francisco, que passa pelo município, deu origem ao nome.

- > **BOA ESPERANÇA** - os primeiros moradores que povoaram o local vieram de Sergipe por causa da exploração de madeira.
- > **BOM JESUS DO NORTE** - o antigo povoado - que anteriormente era Jardim - foi construído ao Norte do rio Itabapoana, que divide o Espírito Santo do Rio de Janeiro. Na outra margem,



Água Doce do Norte - há duas informações sobre a origem: uma é que o café feito lá era tão ralo que parecia uma água doce; outra é que tropeiros deixaram cair no córrego Bom Jesus uma carga de açúcar.

no lado fluminense, está Bom Jesus do Itabapoana.

- > **BREJETUBA** - o nome Brejetuba vem da palmeira brejaúba, muito encontrada nas matas da região.
- > **CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM** - a vila cresceu num trecho onde o rio Itapemirim deixava de ser navegável. Ali foi edificado o Quartel da Barca, situado próximo ao primeiro caxoeiro (com "x") a partir da Vila de Itapemirim. Mais adiante, a grafia foi corrigida para Cachoeiro de Itapemirim.
- > **CARIACICA** - o nome surgiu da expressão "Cari-jaci-caá", utilizada pelos índios para identificar o porto onde desembarcavam os imigrantes. Sua tradução é "chegada de homem branco".
- > **CASTELO** - os primeiros exploradores da região acharam que as montanhas lembravam um castelo de estilo feudal. Para reforçar, a serra ao lado desta formação (Forno Grande) tinha o aspecto de muralhas.
- > **COLATINA** - homenagem a Colatina Soares de Azevedo, mulher do ex-governador do Espírito Santo José de Mello Carvalho Muniz Freire.
- > **CONCEIÇÃO DA BARRA** - Barra do São Mateus, durante a festa de Nossa Senhora da Conceição, passou a se chamar Conceição da Barra.
- > **CONCEIÇÃO DO CASTELO** - em homenagem à padroeira da paróquia, surge a denominação Conceição do Castelo. A imagem de Nossa Senhora

da Conceição, esculpida em cedro de líbano, veio da cidade de Douros, em Portugal, no ano de 1887.

- > **DIVINO DE SÃO LOURENÇO** - surgiu da junção entre a devoção ao Divino Espírito Santo e o culto a São Lourenço - santo italiano que morreu queimado.
- > **DOMINGOS MARTINS** - nome dado em dezembro de 1921 para homenagear o capixaba Domingos José Martins, que lutou na Revolução Pernambucana em prol da independência do Brasil.
- > **DORES DO RIO PRETO** - homenagem à padroeira local, Nossa Senhora das Dores, e ao Rio Preto que divide o Espírito Santo de Minas Gerais.
- > **ECOPORANGA** - o pássaro conhecido pelos índios como Poranga, ou Nhambu, originou o nome por causa do eco que fazia ao cantar.
- > **GOVERNADOR LINDENBERG** - em 1968, os moradores pediram ao governador Carlos Lindenberg que a energia elétrica chegasse até a localidade. Como foram atendidos, colocaram o nome dele na comunidade.
- > **GUAÇUÍ** - Guaçuí se chamava Veado, nome do rio que corta a região. Em 1943, foi alterado para Guaçuí, que vem do tupi-guarani: Guassu (veado) com a terminação y (rio).
- > **GUARAPARI** - uma versão é que seria a junção de "guará", referência a ave que existia em abundância na região, com "pari", nome de uma arma-